

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)
e outras arquiteturas

ORGANIZAÇÃO

Luciana Saboia
Ana Elisabete Medeiros
Paola Ferrari

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)

e outras arquiteturas

EDITORA



UnB

Coordenação de produção editorial

Revisão

Diagramação

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Mariana Donner

Mônica Luce Bohrer

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar

Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF

CEP: 70910-900

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

P964

Projeto, ensino e espaço universitário [recursos eletrônico] : o Instituto Central de Ciências (ICC - UnB) e outras arquiteturas / organizadoras, Luciana Saboia, Ana Elisabete Medeiros, Paola Ferrari. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2023.
293 p.

Formato PDF.

ISBN 978-65-5846-092-3.

1. Universidade de Brasília. Instituto Central de Ciências. 2. Arquitetura. 3. Campi universitários. I. Saboia, Luciana (org.). II. Medeiros, Ana Elisabete (org.). III. Ferrari, Paola (org.).

CDU 727:378.4

Sumário

Apresentação | *Luciana Saboia Fonseca Cruz e Ana Elisabete de Almeida Medeiros* 7

PARTE 1 | Projeto e Ensino: a universidade de Brasília e outras arquiteturas no Brasil

1. Da gênese e magnitude da praça | *Matheus Gorovitz, Maria Cláudia Candeia de Souza* 18
2. Grelha modular na ilha artificial: O projeto da Cidade Universitária no Rio de Janeiro e o ensino de arquitetura | *Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu* 34
3. O Campus Joaquim Amazonas da UFPE: criação, consolidação, desafios atuais e perspectivas | *Fernando Diniz Moreira* 44
4. A Faculdade de Arquitetura da UFRGS, o ensino e a Arquitetura Moderna Brasileira no Sul (1940/1960) | *Sérgio Moacir Marques* 62
5. Da megaestrutura à estrutura mínima: o sistema básico da Universidade Federal de Minas Gerais | *Carlos Alberto Batista Maciel* 84

ICC | Caderno de imagens 95

PARTE 2 | O Instituto Central de Ciências: projeto, construção e vivência

6. O instituto de Niemeyer | *Andrey Rosenthal Schlee* 152
7. Planos e projetos do Instituto Central de Ciências, 1963/2013 | *Cláudio Oliveira Arantes* 184
8. A complexidade da síntese | *Elcio Gomes da Silva, Juliano Caldas de Vasconcellos e José Manoel Morales Sánchez* 202
9. Projeto e questões ambientais: percorrendo o Instituto Central de Ciências | *Cláudia Naves D. Amorim, Caio Frederico e Silva e Guilherme D. Sales* 222
10. O ICC como espaço museológico | *Reinaldo Guedes Machado* 240
11. Berçário de inovação e integração de saberes | *Frederico Flósculo Pinheiro Barreto* 252

CONSIDERAÇÕES FINAIS | Projeto e memória: (re)configurações do ICC

12. O Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília: pedagogia e megaestrutura | *Paola Caliarri Ferrari Martins* 266

Índice remissivo 279



O Campus Joaquim Amazonas da UFPE: criação, consolidação, desafios atuais e perspectivas

FERNANDO DINIZ MOREIRA

O campus Joaquim Amazonas da Universidade do Recife (hoje UFPE), iniciado em 1949, é mais um capítulo da rica história dos campi universitários brasileiros. Sua criação foi influenciada tanto pelas experiências norte-americanas, como pelas realizações então em curso no Rio de Janeiro, São Paulo e em outras cidades latino-americanas.

A ideia da reunião das escolas em um lugar afastado das cidades, evitando a distração e os vícios destas e promovendo um espaço adequado para o aprendizado e a concentração, surgiu nos Estados Unidos. Rompendo com a tradição europeia, os primeiros *colleges* norte-americanos, ainda na era colonial, eram localizados nas periferias das cidades ou mesmo no campo, e geralmente apresentavam edifícios dispostos ao longo de um eixo central, chamados de *yard*, *quad* ou *field* (PINTO, BUFFA, 2009, p. 36-37, ALFARO, 2015, p. 15). A ideia do campus isolado desenvolveu-se fortemente naquele país a partir de meados do século XIX e, no século XX, tornou-se um tema muito caro aos arquitetos e urbanistas ligados ao modernismo.

Na América Latina de meados do século XX as universidades cristalizaram um ideal de urbanidade, civilidade e progresso, sendo os campi símbolos palpáveis das novas sociedades que se queria edificar. Os campi da Universidade Autônoma do México (UNAM) na Cidade do México, da Universidade Central da Venezuela (UCV) em Caracas, da Universidade de Concepción no Chile, da Universidade de Porto Rico e da Universidade de Tucumán na Argentina foram marcos da experimentação da arquitetura e urbanismo modernos no continente, com destaque para os dois primeiros pela forma como

integraram arte e arquitetura (ALFARO, 2015, p. 10, 15). Sempre promovidos pelos Estados, eram espaços de experimentação tanto de novas formas urbanísticas e arquitetônicas como pedagógicas.

A influência dos conceitos norte-americanos pode ser creditada não só por estes países terem entrado na esfera de influência dos Estados Unidos no pós-guerra, mas também pelo fato de vários arquitetos estarem envolvidos com o ambiente profissional e/ou acadêmico daquele país, como Emilio Duhart, autor de plano da Universidade de Concepción, e Henry Klumb, autor do Campus Rio das Piedras da Universidade de Porto Rico (ALFARO, 2015 p. 16-17). Além disso, muitos dos seus projetistas estudaram fora de seus países e estavam sintonizados com o ideário moderno, como o venezuelano Carlos Raúl Villanueva e o mexicano Mario Pani, ou vieram de fora, como o alemão Klumb e o italiano Mario Russo, autor do plano do campus do Recife.

Apesar de terem sido criados como entidades autônomas, se contrapondo à cidade tradicional e distantes desta, os campi criaram novas centralidades, atraindo o crescimento urbano ao seu redor. Permaneceram como espaços públicos de qualidade com áreas verdes, mas, muitas vezes, engolfados por uma massa urbana anódina, como também foi o caso do Recife.

Apesar de sua incompletude em relação ao plano original, o campus da UFPE é um rico exemplo da aplicação da arquitetura e urbanismo modernos. Este artigo busca oferecer uma breve história da fundação e evolução do campus e elencar os desafios que envolvem a conservação e o planejamento deste espaço hoje, que são pertinentes a outros campi no país.

CRIAÇÃO

Criar um campus universitário reunindo as principais faculdades da cidade em um único lugar foi um sonho dos intelectuais pernambucanos desde começo dos anos 1920. Até então, a cidade contava com a Faculdade de Direito (fundada em 1827, mesmo ano da de São Paulo)¹, Engenharia (1895), Farmácia (1903), Medicina (1915), Odontologia (1926), Belas Artes (1932) e Filosofia (1940). Como em outros casos brasileiros, eram escolas independentes ocupando elegantes edifícios ecléticos, construídos para tal fim ou adaptados, nos bairros centrais do Recife. Em 1946, com a criação da Universidade do Recife agregando estas escolas, a proposta de reuni-las fisicamente em determinado território afastado da cidade, começou a ganhar

corpo. Em dezembro de 1947, foi aprovada na Assembleia Legislativa a Lei nº 42, que criaria a Comissão de Planejamento da Cidade Universitária e um fundo para apoiar sua construção (COSTA, 2016, p. 79). Seu primeiro reitor, Joaquim Amazonas, que empresta o nome ao campus, foi um ator fundamental para a realização desta grande empreitada.

Em 1949, o projeto do campus foi encomendado a Mario Russo, arquiteto italiano recém-chegado ao Recife, convidado para ensinar arquitetura na Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP). Além de exercer a docência, ele chefiou o Escritório Técnico da Cidade Universitária (ETCU) durante todo o período em que esteve no Recife (1949-1955). Ele manteve um escritório de arquitetura na cidade que produziu alguns marcos da arquitetura moderna local, e sua atuação como professor foi fundamental para formação de vários discípulos e pela orientação moderna do curso de arquitetura da EBAP, que se tornaria independente em 1959.

A localização da futura cidade universitária do Recife esteve sempre presente no debate urbanístico que o Recife sediou no segundo quartel do século XX. Urbanistas de prestígio nacional como Atílio Corrêa Lima, Nestor de Figueiredo e Ulhôa Cintra lançaram propostas para a nova rede de vias perimetrais e radiais, a distribuição das zonas industriais e das áreas verdes, a expansão da área portuária e a localização de novos equipamentos, como o aeroporto e o campus universitário (MOREIRA, 1999, OUTTES, 1991).

Esses urbanistas pensaram a localização do campus no centro ou nos seus arredores imediatos, mas logo após a criação da universidade, as discussões passaram a apontar para uma grande área entre os bairros periféricos do Engenho do Meio e Várzea como o local ideal para a localização do empreendimento.² Era uma região na fronteira com a área rural, lugar que contava com ruínas de antigos engenhos e, desde 1612, com uma capela e um pequeno núcleo histórico, que seria a primeira freguesia suburbana do Recife, a Várzea. O campus seria instalado como uma entidade autônoma em uma área rural a cerca de 500 metros ao leste deste antigo núcleo. A escolha por esta área deu-se por uma decisão da Comissão de Planejamento da Cidade Universitária em outubro de 1948, antes da chegada de Russo (CABRAL, 2006, p. 112).

O campus teve um importante papel na transformação urbana do Recife. Até os anos 1940, a estrutura urbana do Recife, definida pelos bairros centrais e pelos pequenos núcleos suburbanos configurando uma disposição axial em

que todas as linhas convergem para o porto (CASTRO, 1954, p. 88), era ainda nítida. O núcleo central, densamente edificado, era formado pelos bairros do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista. Da área central, partiam as linhas de bondes e avenidas em direção aos antigos núcleos suburbanos, como Várzea, Apipucos, Beberibe, Poço da Panela entre outros, denominados por Mário Lacerda de Melo de “nódulos periféricos” (MELO, 1978, p. 61-62). Esses núcleos eram ligados por antigas estradas carroçáveis que tornar-se-iam posteriormente as principais vias da cidade. A partir da década de 1940, estes núcleos foram sendo gradativamente incorporados ao crescimento urbano, tendendo a formar uma mancha urbana única. Mário Lacerda de Melo (1978, p. 70-71), José Luiz da Mota Menezes (1990, p. 12) e Manoel Correia de Andrade (1990, p. 20-21) revelam que os mangues foram aterrados e os espaços livres entre os tentáculos foram ocupados, fazendo-os perder sua configuração linear primitiva, processo estimulado pelo grande aumento populacional da cidade nestas décadas.³ O campus foi um dos indutores do crescimento nesta área da cidade. Ele foi logo acompanhado, nas décadas seguintes, por loteamentos privados, casas populares, fábricas e por outros equipamentos de iniciativas federais (Colégio Militar do Recife, Escola Técnica e SUDENE).

Mesmo não tendo participado do processo de escolha do terreno na várzea, Russo defendeu com veemência a área diante das críticas de ser longe do centro urbano (CABRAL, 2006, p. 41). O ETCU foi criado em 1949 com a responsabilidade pela confecção dos planos, obras e projetos do campus e dos seus primeiros edifícios.

O projeto inicial do campus universitário de 1949 é um claro exemplo de aplicação dos princípios da Carta de Atenas. O plano foi estruturado por meio de três grandes eixos, dos quais saíam as vias secundárias, dois deles menores partindo em diagonal em relação ao eixo principal, mas de forma assimétrica, configurando uma espécie de tridente. Os edifícios estão estruturados ao longo destes eixos e vias dispondo de muitas áreas livres e verdes em seus entornos. No encontro dos eixos menores com o eixo principal foi lançada uma praça cívica, que seria o lugar de encontros de toda a comunidade e onde a Reitoria estaria localizada.

A Escola de Medicina ocupou o quadrante logo no lado direito da entrada principal, ao longo da BR101 (norte). Do lado oposto, ocupando outro quadrante, estava o Centro Esportivo. As outras faculdades (Química, Direito, Filosofia, Economia, Belas Artes e Engenharia) ocupariam as áreas

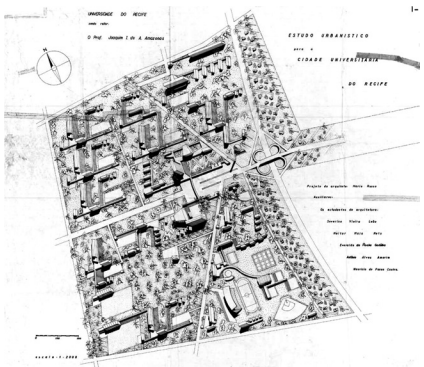
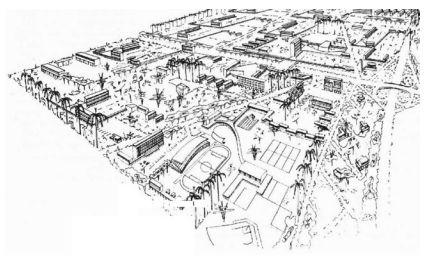


Figura 1 – Mario Russo (ETCU), Plano Urbanístico para a Cidade Universitária do Recife (1949).

Figura 2 – Mario Russo (ETCU), Plano Urbanístico para a Cidade Universitária do Recife (1949).

dos outros dois quadrantes ao fundo. Os edifícios foram locados sem uma relação direta com as vias, criando grandes áreas verdes. Eles possuíam em média três pavimentos, com exceção daqueles ao redor da praça cívica, que seriam um pouco mais altos. Todos foram pensados levando em consideração fatores climáticos, por isso eram relativamente estreitos para facilitar a captação e saída da ventilação. Pórticos e palmeiras foram utilizados como forma de prover continuidade visual entre os blocos, da mesma forma como foram utilizados nos planos de Le Corbusier e de Lucio Costa para a Universidade do Brasil no Rio de Janeiro (CABRAL, 2006, p. 46). Às margens do que seria no futuro a BR101, foram reservadas faixas para construções de blocos residenciais para professores e funcionários. É importante ressaltar que o Canal do Cavouco que nasce dentro do campus e cruza-o por inteiro não foi considerado nesta primeira versão do projeto.

O plano de Mário Russo sofreu três revisões do projeto inicial (1951, 1955 e 1957), evidenciando o aumento das necessidades espaciais.⁴ A versão de 1951 promoveu pequenos rearranjos nos setores de medicina e esportes e na praça cívica e pequenas mudanças no traçado das vias secundárias⁵; mas as mudanças mais marcantes decorreram do rearranjo dos

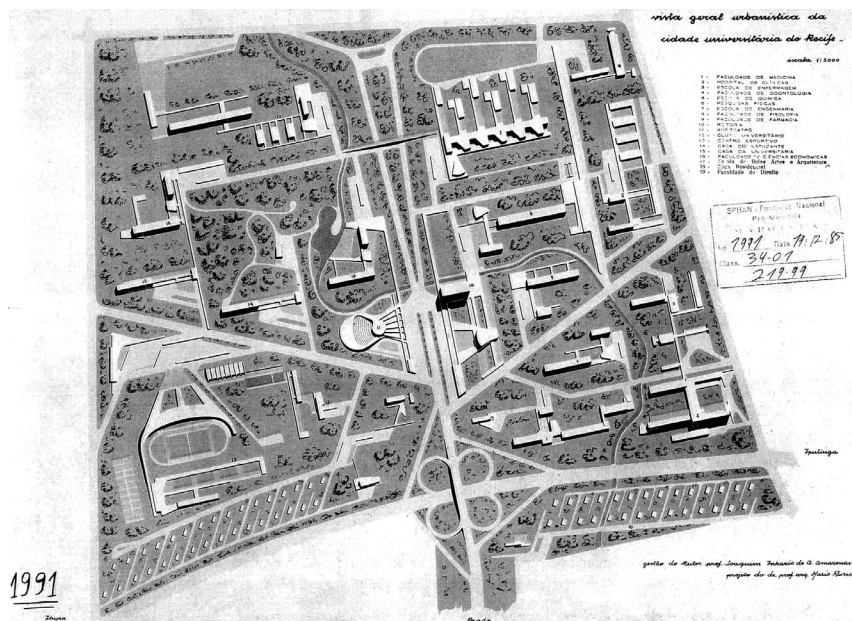


Figura 3 - Mario Russo (ETCU), Plano urbanístico para a Cidade Universitária, 1951.

setores de Humanas e Tecnologia e do aproveitamento do riacho Cavouco como um elemento paisagístico por todo o campus, formando um pequeno lago próximo de uma antiga casa grande do engenho, sendo ladeado por caminhos para pedestres.

A versão de 1955 trouxe poucas modificações, mas destacou-se pela interrupção do eixo principal que não mais cruza o campus e pela introdução de edifícios altos como moradias de professores no lugar de casas e pelo tratamento mais retilíneo dado ao Riacho Cavouco. Neste plano, já aparecem os edifícios projetados e ou em construção, como a Faculdade de Medicina e o Instituto de Antibióticos, e outros como a Faculdade de Filosofia, que acabou sendo deslocada e teve seu projeto reduzido quando construída.

A versão de 1957, que já não conta com a participação de Russo, trouxe alterações maiores a esta disposição, mas sem comprometer a orientação corbusiana original. Embora persistam elementos do plano de Russo como a Praça Cívica e o eixo principal, a versão introduz grandes blocos verticais, como a Faculdade de Filosofia, talvez com o intuito de preservar o máximo de área verde. O mais alto desses edifícios, onde estaria a reitoria, faz face com a praça cívica que foi deslocada um pouco mais para o interior do campus. O setor residencial passa a ocupar o outro lado da BR101, também com edifícios bem mais altos que a versão anterior.

A criação do campus da Universidade do Recife foi muito além da simples reunião das escolas. Ela se insere em um amplo debate das elites locais sobre as disparidades regionais, o subdesenvolvimento da região Nordeste, e a necessidade de reformas sociais visando a diminuição das gritantes diferenças de renda. Desta forma, foram criadas a Comissão de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco (CODEPE), em 1952, um órgão com o intuito de promover debates, produzir estudos e assessorar o governo do Estado no trato destas questões, e a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), em 1959, para elaborar estudos e financiar projetos de indústrias e outras atividades econômicas que pudessem reverter a estagnação econômica da região.

CONSOLIDAÇÃO

A dimensão da empreitada e a escassez de recursos, apesar dos esforços do reitor Joaquim Amazonas frente ao governo federal, fizeram com que muitos dos edifícios propostos inicialmente não fossem construídos.

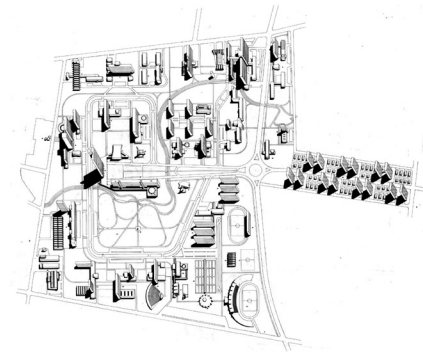


Figura 4 - ETCU, Plano Urbanístico do Campus da Universidade do Recife, 1957.

Figura 5 - Plantas esquemáticas dos planos de 1949, 1951, 1955, 1957.

elementos característicos do vocabulário da Escola Carioca, como o plano inclinado na fachada, as janelas ao comprido e moldura envolvendo a fachada e um painel de azulejos.

Os edifícios foram sendo construídos lentamente nos anos seguintes à partida de Russo. A Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (1962) (hoje Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) de Filippo Mellia destaca-se pela sua altura no campus. A Faculdade de Ciências Econômicas (hoje Centro de Ciências Sociais Aplicadas, CCSA) foi inaugurada em 1961 com projeto também de Mellia e recebe uma extensão de Antonio Didier, Rosário e Nilson Cerquinho, alguns anos após. Nestes edifícios os arquitetos lançaram mão do uso de cobogós, brises e outros elementos para facilitar a ventilação e a filtragem da luz. Em 1966, é inaugurado o Centro de Tecnologia e Geociências de Antonio Didier. A Reitoria, também projeto de Mellia, foi transferida da área central para o lado oposto da BR101, ficando segregada dos demais centros de ensino. Assim, um dos pilares do projeto, a Praça Cívica, não foi implementada. No final da década de 1960, muitos cursos ainda aguardavam fora do campus, como foi o caso de Arquitetura e Belas Artes.

Em 1965, a Universidade do Recife foi federalizada e transformada na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em 1968, após a reestruturação acadêmica que definiu a organização das universidades em centros, departamentos e cursos, o campus foi aos poucos sendo pensado em centros e não mais como escolas isoladas. Com o passar dos anos os centros e departamentos foram tomando seu espaço no campus.

Nos anos 1970, registram-se ainda edifícios significativos como a Biblioteca Central de Mauricio Castro e Antonio Didier (1970), o Centro de Educação de Waldecy Pinto, Renato Torres e Antonio Didier (1970), o Núcleo de Processamento de Dados (NPD) de Sena Caldas e Polito (1975-1976) e o Centro de Artes e Comunicação de Reginaldo Esteves e Adolfo Jorge (1972-1975). Os projetos estão afiliados à linguagem da arquitetura dos anos 1970, que explorou materiais como concreto exposto. No último projeto, os arquitetos buscaram uma ampla permeabilidade por meio da disposição de três entradas em três fachadas distintas, estabelecendo fluxos que levam ao pátio interno que, dotado de vegetação de porte, propicia um espaço agradável de convivência. Segundo uma modulação, a planta desenvolve-se a partir de eixos que geram reentrâncias e saliências que, em conjunto com os brises, ajudam a amenizar os efeitos do clima.



Figura 8 e 9 - Reginaldo Esteves e Adolfo Jorge, Centro de Artes e Comunicação (CAC), 1974-1976. Foto Diogo Barretto. Sena Caldas & Polito, Núcleo de Processamento de Dados (NPD), 1976.



Figura 6 - Vista aérea do campus da UFPE na década de 1960, com os edifícios da Faculdade de Ciências Econômicas, em primeiro plano, e da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (direita) e Faculdade de Engenharia (esquerda), em segundo plano.

Figura 7 - Vista aérea do campus da UFPE na década de 1960, com o edifício da Faculdade de Engenharia em primeiro plano.

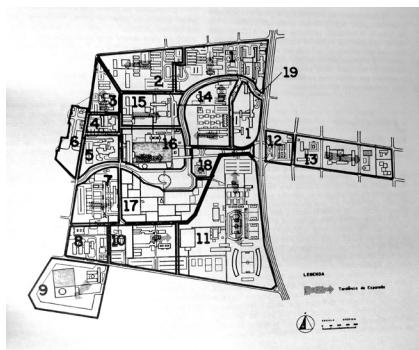


Figura 10 - Zoneamento, Plano Diretor Físico. Estas são as principais zonas do plano, de ac: 1-Centro de Ciências da Saúde, 2-órgãos de extensão, 3-Centro Ciências Sociais Aplicadas, 4-Centro de Educação, 5- Centro de Artes e Comunicação, 6- áreas administrativas, 7- Centro de Tecnologia, 8 e 9- serviços, 10 - ??? 11- Esportes, 12 - ???, 13 - ???, 14- Centro de Ciências Biológicas, 15 Ciências sociais e aplicadas, 16 Zona de interesse comunitário [praça cívica], 17-Horto Universitário, 18 - Processamento de dados, 19-Área de Proteção do Riacho Cavouco.

Apesar da construção destes edifícios todos, não há registro que mostre se essa ocupação seguiu algum plano, embora tenham sido elaborados planos diretores em 1972 e 1985. Em 1972 o paisagista Roberto Burle Marx liderou uma equipe responsável pela elaboração do Plano Diretor da Cidade Universitária. Apesar de não constarem registros escritos sobre esse plano, a planta baixa revela suas intenções, como a valorização das áreas verdes, criando bolsões, e a consolidação dos caminhos de pedestres pelo campus, que levam a espaços mais amplos e arborizados. A praça cívica continua no mesmo local do plano de 1957 e recebe um rico tratamento paisagístico.

O Plano Diretor de 1985, elaborado pela Reitoria, dividiu o campus em grandes bolsões por afinidades de usos, em parte coincidindo com a divisão dos centros recentemente estabelecida, mas são previstas áreas administrativas (UFPE, 1985). O plano prevê o deslocamento da reitoria para um centro de interesse comunitário (zona 16) a ser localizado no final do eixo principal, retomando uma proposta que estava presente em todos os planos, a criação de uma via parque margeando o Canal do Cavouco, que recebe um tratamento em toda sua margem. O plano tem um criterioso estudo de dimensionamento de novos edifícios, buscando evitar a ocupação desenfreada das áreas livres.

A última proposta de Plano Diretor foi elaborada em 2005 por uma equipe liderada pelo professor e arquiteto Antônio Amaral, com o objetivo de revisar e atualizar o plano de 1985. O plano de 2005 tinha como ideia principal a manutenção das características mais marcantes do campus: eixo monumental, estrutura viária, paisagismo e valorização dos edifícios notáveis ligados à origem do campus, preservando a principal área verde do campus (localizada à esquerda do eixo principal), que abriga as ruínas do antigo casarão do Engenho do Meio. O plano ainda define normas para a implantação para novas edificações, que deveriam estar afastadas 20 metros em relação ao sistema viário e 15 metros entre si, e prevê a expansão da área esportiva, criação de ciclovias e o atendimento a demandas imediatas, como o novo restaurante universitário, concluído em 2011. Apesar de o plano não ter sido finalizado, suas pesquisas serviram como base para o desenvolvimento físico do campus universitário durante os últimos anos.

Em síntese, apesar de não ter sido totalmente finalizado de acordo com os planos originais, o projeto do campus é um significativo exemplar do nosso urbanismo moderno, com marcantes exemplares da arquitetura moderna local. O campus configura-se ainda como espaço verde importante, e detendo um papel estratégico para a cidade.

Entretanto, apesar do vasto esforço destinado ao planejamento, verifica-se que ao longo dos anos esses planos não foram considerados nas definições das novas edificações, vias e acessos. De meados dos anos 1980 em diante, centros e departamentos construíram extensões e novos edifícios sem um projeto claro de ocupação, acarretando uma diminuição das áreas verdes do campus. Existem ainda deficiências na manutenção dos edifícios e das áreas verdes e carências de infraestrutura.

DESAFIOS ATUAIS

O campus da UFPE precisa hoje dar suporte a um grande número de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Atualmente, no seu campus Recife, a UFPE oferece 89 cursos de graduação presenciais, 75 mestrados acadêmicos, 18 mestrados profissionais e 54 doutorados, além de 64 cursos de pós-graduação lato sensu – especialização.⁷ Com uma área de 1.536.450 m², o campus conta com 31.800 alunos, 2.200 professores e 4.100 servidores técnico-administrativos, além do fluxo permanente da comunidade externa que utiliza a sua infraestrutura.⁸

Nestes últimos anos vem ocorrendo uma pressão advinda das diversas unidades por mais área construída. Com a criação de novos cursos, a instituição tem criado novos espaços físicos e ampliado os espaços existentes. O programa REUNI do governo federal levou a construção de muitas extensões entre 2007 e 2014. Entre 2005 e 2015, a universidade concluiu a construção de mais 12.367,60 m², como os três Núcleos Integrados de Atividades de Ensino (NIA-TE), que abrigam salas, laboratórios, auditórios e salas de estudo (UFPE, 2015).

Alguns centros e departamentos fizeram expansões, geralmente horizontais, para atender demandas imediatas, mas inexistem critérios e regras claras estabelecidos para a construção e ampliação de edifícios no campus nem de afastamento entre os mesmos, o que se reflete na alta densidade populacional em algumas áreas em contraste com a baixa densidade em outras. Além disso, não é respeitado um afastamento mínimo com relação ao curso d'água do Riacho do Cavouco, resultando em construções próximas às suas margens. Essa ampliação da área construída tem como resultado direto a redução das áreas verdes, que era justamente uma das qualidades mais marcantes do campus.

Durante décadas, a falta de políticas de gerenciamento e manutenção dos edifícios e equipamentos levou a um estado de precariedade destes,

particularmente aqueles mais antigos e mais representativos, que foram des-caracterizados por ampliações e reformas. Apesar da ampla área construída percebe-se no campus uma carência de espaços destinados ao ensino. Muitos cursos sofrem com a falta de salas de aula ou com a precária manutenção destes espaços. Uma pesquisa feita pela Prefeitura do campus mostra que a área construída destinada às salas de aula é suficiente para abrigar todos os alunos matriculados. Este dado revela que não há necessidade de ampliação da área física construída no campus, mas sim um melhor gerenciamento desses espaços (UFPE, 2015).

Apesar das áreas verdes ainda existentes, pesquisas mostraram uma carência de espaços verdes acessíveis e apropriados ao uso, tanto para a comunidade da UFPE como para a população que mora no seu entorno (UFPE, 2015, p. 17). O campus oferece poucos equipamentos para a prática de esportes e estes não estão bem mantidos.

Em termos de infraestrutura, um dos grandes problemas reside na mobilidade, tanto no acesso ao campus como no âmbito interno.⁹ Nas últimas décadas, o entorno do campus assistiu um acelerado processo de dinamização, motivado pela expansão do Recife em direção ao Oeste. Como outros campi universitários, o campus do Recife foi pensado como uma unidade autônoma com poucas relações com o entorno lindeiro. De fato, grande parte do tecido urbano ao redor do campus foi surgindo depois de sua criação, a partir de projetos de loteamentos residenciais, ocupações irregulares e de outros equipamentos públicos, todos de forma desconectada entre si.

Apesar da posição estratégica na malha urbana, às margens da BR 101 e da BR 232, que conectam todos os municípios da Região Metropolitana do Recife assim como grande parcela do interior de Pernambuco e os Estados vizinhos, o acesso ao campus por transporte público é deficitário, dada a falta de investimentos neste setor. De acordo com pesquisa do Departamento de Engenharia Civil, 67% dos usuários utilizam este modal para ter acesso ao campus (UFPE, 2015, p. 19). Há ainda o pouco incentivo da Prefeitura Municipal do Recife para a implantação de ciclovias e ciclofaixas.

O Campus da UFPE apresenta pouca permeabilidade com os bairros vizinhos (Várzea e Engenho do Meio), devido ao fato de ele ter sido sempre pensado como uma entidade autônoma. Dessa forma, o campus é até hoje uma grande área desconectada da cidade, o que acaba limitando os seus usos à comunidade acadêmica e transformando-o em um lugar sem vitalidade em determinadas horas e dias da semana. O fato de o campus estar

cercado dificulta o acesso a pé dos usuários e da comunidade local, o que é agravado pela precariedade das calçadas externas e por sua obstrução por parte do comércio informal.¹⁰ Apesar da revitalização de parte das calçadas do campus, há muito o que se fazer para deixá-lo acessível a pessoas com problemas de mobilidade.

Apesar da sua significância, o campus enfrenta uma série de carências para desempenhar a sua função a contento. Estes problemas levaram a reitoria a pensar em um novo plano diretor por meio da criação de uma comissão técnica, que se reuniu ao longo de 2014 e 2015 com a missão de preparar um documento com propostas para discutir com a comunidade, mas este esforço foi descontinuado. Pensar o futuro do campus exige entender os seus valores e particularidades e implantar ações e políticas que o capacite para melhor desempenhar sua função, sem comprometer suas qualidades.

PERSPECTIVAS

O campus detém grandes qualidades urbanísticas e espaciais, assim como significativos exemplares de edifícios modernos, que merecem ser preservados para as futuras gerações. O projeto do campus foi generoso no que se refere aos espaços livres e à paisagem, mas estes têm sofrido devido à ausência de uma política contínua de conservação e gestão dos edifícios e espaços livres.

Este conjunto moderno possui uma série de valores que devem ser levados em consideração em qualquer proposta de conservação ou intervenção. O campus tem valor cultural (uma vez que representa a ideia de progresso por meio dos amplos espaços criados pela arquitetura e urbanismo modernos); valor social (porque representa os esforços das elites intelectuais locais para transformar a sociedade pernambucana por meio da educação); valor estético (pela experiência espacial por meio da integração visual entre as massas e vazios) e valor documental (como testemunha de experimentação de novas formas de pensar o espaço e novas técnicas de construção em obras públicas de Pernambuco). A partir do entendimento dos valores do conjunto deve-se divisar uma estratégia para manter estes valores e buscar qualificar o campus, procurando atenuar as carências dos mais diversos tipos, gerenciar as novas construções e conservar o estoque construído.

Pensar o campus no futuro implica enfrentar uma série de desafios: Como atender às novas demandas por mais área construída e manter a relação entre cheios e vazios, sem um adensamento que o descaracterize? Como adaptar as disposições espaciais existentes para as novas demandas? Como incorporar os novos requisitos de acessibilidade e de economia de energia, que não existiam na época em que a maior parte do campus foi construída? Como lidar com as diferentes unidades de paisagem existentes no campus, que possuem significados e características distintas? Como instaurar uma relação com os bairros lindeiros e com a cidade sem fazer o campus perder sua autonomia e identidade? Como criar requisitos para os novos edifícios que venham a contribuir para a unidade do conjunto sem recair em um falso histórico nem eliminar a inovação arquitetônica? Estas questões, também pertinentes aos principais campi do país, são difíceis de serem aqui respondidas, mas pode-se pensar em algumas estratégias gerais em termos urbanísticos e paisagísticos para gerir este grande conjunto.

As discussões efetuadas entre 2014 e 2015 apontaram para a criação de estratégias urbanísticas que se dariam em três níveis, 1) das relações com a cidade e com a Região Metropolitana do Recife 2) do entorno imediato, e, por fim, 3) do interior do campus.¹¹

No que diz respeito à relação entre o campus e a cidade do Recife, deve-se buscar uma visão do campus no âmbito metropolitano, contemplando propostas de planejamento integrado e diretrizes de curto, médio e longo prazo. A abundância de área verde e a existência de um curso de água – o riacho do Cavouco, afluente do Capibaribe, faz com que o campus se destaque hoje como umas das principais áreas verdes da cidade, o que por si só justifica a estratégia de consolidá-lo como um parque. Para tal, é preciso otimizar as conexões existentes do campus com os principais eixos viários da zona oeste, Avenidas Caxangá e Recife e Rodovias BR101 e BR232, que se cruzam numa área bem próxima. A prioridade deve ser conferida ao transporte de massa, articulando junto ao Consórcio Metropolitano de Transportes melhorias nas linhas de acesso e na conexão com o metrô e o BRT, de forma a facilitar a opção dos usuários por este modal, e, assim, tornar possível a redução de áreas de estacionamento internas.

No que diz respeito à relação do campus com o entorno imediato deve-se buscar uma integração com os bairros vizinhos. Sugere-se a retirada das

barreiras existentes entre o campus e a vizinhança de forma a oferecer mais acesso para pedestres e ciclistas. Devem ser feitas ligações entre o campus com as massas verdes circunvizinhas, como o Instituto Ricardo Brennand e a Mata do Curado (ao sul) e com o futuro Parque Capibaribe (ao norte e leste, estimulando uma conexão pela linha do Riacho do Cavouco, chegando até à sua confluência com o Capibaribe, no bairro da Iputinga). Esta integração pode se dar por meio de ciclovias integradas, ruas-parque e parques lineares, entre outros. Esta é uma estratégia que pode funcionar bem com os limites norte e oeste do campus que fazem face com o Bairro da Várzea.

Em relação ao terceiro nível, o espaço interno do campus, sugere-se a conservação das características mais importantes do Campus: Eixo monumental, estrutura viária, paisagismo e valorização de edifícios notáveis ligados à origem do campus.

O eixo monumental deve ser mantido como grande espaço gramado aberto, um espaço cívico que pode abrigar diversos eventos, recebendo um tratamento paisagístico que reafirme seu papel de esplanada, seguindo as diretrizes para a praça cívica proposta nos planos de Russo, Burle-Marx e nos planos de 1985 e 2005, mas sem retirar o protagonismo do eixo monumental. Próximo a esta praça e ao eixo monumental, onde já existem o Restaurante Universitário e a Biblioteca Central, propõe-se a formação de um espaço gregário reunindo atividades do dia a dia da comunidade, como previsto nos planos originais.

As expansões ocupando áreas verdes devem ser evitadas a qualquer custo. Novos edifícios em altura podem ser introduzidos com o papel de absorverem as novas demandas por espaço e articularem os edifícios existentes através de seu posicionamento estratégico e de conexões complementares (passarelas, marquises, praças, mobiliário urbano). Estes novos edifícios devem ter sempre os pilotis alto e liberado como forma de facilitar a integração, física e visual, entre os centros.

Para as novas construções o objetivo é garantir a continuidade das qualidades espaciais existentes, com a definição de normas para implantação de novas edificações, com afastamento mínimo de 20 metros em relação ao sistema viário e de 15 metros entre edificações, como previsto no plano de 2005.

Em relação às áreas verdes, propõe-se que estas áreas sejam recuperadas e conservadas para usufruto tanto da comunidade universitária como da que mora em seu entorno. Propõe-se a recuperação do Riacho do Cavouco,

um elemento natural que conecta todo o campus, e a conservação da área verde atrás do centro de convenções, que deve ser transformada em um parque histórico e cultural diferenciado com preservação rigorosa de sua massa vegetal. Em relação à área esportiva, integrando o eixo dos grandes equipamentos, propõe-se o provimento de espaços e condições adequadas ao desenvolvimento de atividades culturais não apenas da instituição, mas também de toda a cidade.

Em relação à mobilidade, deve-se priorizar os modos de transporte não motorizados dentro do campus e enfatizar o transporte coletivo nos grandes eixos, restringindo a circulação dos automóveis e promovendo a implantação de ciclovias e faixas de ciclistas ao longo do sistema viário existente.

Embora seu projeto não tenha sido totalmente implementado, o campus guarda ainda uma série de valores e é um exemplo significativo da arquitetura e urbanismo modernos, sendo também um importante espaço verde e tem um papel estratégico para a cidade. Apesar da sua significância, ele enfrenta uma série de carências para desempenhar a sua função a contento. A confecção de um novo plano diretor que procure requalificar o campus e, ao mesmo tempo, garantir a manutenção de seus valores, preservando a memória e a identidade local e contribuir para uma requalificação urbana da região ao seu redor, é uma tarefa urgente.

NOTAS

¹ A Faculdade de Direito foi fundada na vizinha cidade de Olinda, mas foi transferida para o Recife em 1854.

² Outras áreas foram consideradas pela comissão, como a Ilha Joana Bezerra, próxima ao centro e a área do Caçote/Ibura, na periferia sudoeste da cidade. O próprio reitor, Joaquim Amazonas, preferia um campus longe da cidade por entender que “a universidade deve afastar-se quanto possível do bulício da cidade” (BERNARDES, LIMA, SILVA, 2007, p.69). Todo o processo de discussão e escolha do sítio foi recuperado por Renata Cabral (2006, p. 111-116), Rosali Costa (2016, p.79-82) e por Denis Bernardes e equipe (2007)

³ Segundo Virgínia Pontual, o Recife tinha 348.424 habitantes em 1940, 524.682 em 1950, e 797.234 em 1960, ou seja, a população cresceu aproximadamente 50% a cada década, chegando a dobrar entre 1950 e 1970 (Pontual, 1997, p. 236).

⁴ Existem dois planos após 1949, geralmente aceitos como as versões 1951 e 1955. Em sua pesquisa de mestrado, Renata Cabral apontou para a existência de dois planos no arquivo de Mario Russo (hoje depositado na Fundação Joaquim Nabuco) com as datas de “nov de 1952” e “1949-1956”. Como é possível que em 1951 e 1955 estes planos já estivessem prontos, a autora, com razão, mantém a datação 1951 e 1955 (CABRAL, 2006, p. 49).

⁵ Na Escola de Medicina, o edifício do Hospital das Clínicas ficou maior e mais próximo da BR 101, e no de esportes, um ginásio substituiu um campo de beisebol. A praça cívica teve seu desenho alterado para receber um anfiteatro.

⁶ Russo construiu ainda o Instituto de Biologia Marinha na Praia de Piedade. Entre 1951 e 1955, ele desenvolveu o projeto para o Hospital das Clínicas, mas só a estrutura foi erguida, e o edifício foi concluído apenas em 1975, porém sem seguir seu projeto. Ele produziu ainda dois projetos para a Escola de Engenharia (1953-1954), casas para funcionários e prédios de apartamentos tipo para professores (Cabral, 2006, p. 71-79).

⁷ Além do Campus do Recife, ela conta, desde 2005, com dois novos campi em Caruaru e em Vitória de Santo Antão, que não serão tratados neste artigo.

⁸ Desta área total, 152.947 m² são cedidos a terceiros. Dados do Inventário dos Bens Imóveis, 2007.

⁹ Em termos de infraestrutura, o campus Recife possui um sistema próprio de abastecimento d'água, que funciona a contento, mas apresenta deficiências em termos de esgotamento sanitário, tendo em vista que apenas o setor de ciências da saúde tem esgotamento, sendo o resto do campus com sistemas tipo fossa e sumidouro. A sobrecarga causada pelo aumento da demanda do campus e da vizinhança leva ocasionalmente ao corte do fornecimento de energia elétrica.

¹⁰ O campus é cercado por grades em todo o perímetro, restando apenas dois acessos para automóveis e oito exclusivos para pedestres.

¹¹ Estas propostas foram discutidas em nível preliminar pela Comissão Técnica do Plano Diretor da UFPE entre 2014 e 2015 com o intuito de elencar estratégias para discutir o Plano Diretor do Campus com a comunidade acadêmica. A comissão era formada pelos arquitetos Vilma Villarouco (coord.), Roberto Montezuma, Fernando Diniz, Luiz Vieira, Ênio Eskinazi, Carlos Falcão e Silmara Melo e pelos engenheiros Mauricio Andrade e Ronald Vasconcellos. Este artigo não expressa as opiniões das atuais equipes responsáveis pelo planejamento físico do Campus da UFPE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFARO, Carlos Garcíavelez, ed. **Form and pedagogy: the design of the university city in Latin America**. Cambridge: Applied Research + Design Publishing, 2015.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A constituição do Recife metrópole regional**. PDCR documentos. Recife: PCR/SEPLAN, novembro de 1990.
- BERNARDES, Denis; SILVA, Amanda.; LIMA, Marcos. **Memórias de criação da Cidade Universitária do Recife**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.
- CABRAL, Renata Campello. **Mario Russo: um arquiteto italiano racionalista no Recife**. Recife: Editora da UFPE, 2006.
- CASTRO, Josué de. **A cidade do Recife: ensaio de geografia urbana**. Rio de Janeiro: CEB, 1954.
- COSTA, Rosali Ferraz da. **Campus Joaquim Amazonas: da relação entre a gestão institucional e a conservação de um patrimônio urbano**. Dissertação (Desenvolvimento Urbano). Recife: UFPE, 2016.
- MELO, Mário Lacerda de. **Metropolização e Subdesenvolvimento: o caso do Recife**. Recife: Editora da UFPE, 1978.
- MOREIRA, Fernando Diniz. A aventura do Urbanismo Moderno na cidade do Recife (1900-1965) in LEME, Maria Cristina, org. **Urbanismo no Brasil, 1895-1965**. São Paulo: Studio Nobel/FAUUSP/FUPAM, 1999.
- MOTA MENEZES, José Luiz da. **A ocupação do Recife numa perspectiva histórica**. PDCR documentos. Recife: PCR/SEPLAN, novembro de 1990.
- OUTTES, Joel. **O Recife pregado à cruz das grandes avenidas: contribuição à história do urbanismo (1927-1945)**. Dissertação de Mestrado. Recife: MDU-UFPE, 1991.
- PINTO, Gelson, BUFFA, Ester. **Arquitetura e educação: campus universitários brasileiros**. São Carlos: Edufscar, 2009.
- PONTUAL, Virgínia. A utopia de um novo tempo. in: **IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ, 1997.
- UFPE. **Plano Diretor UFPE, Campus Recife: Proposta Preliminar para discussão**. Recife: UFPE 2015.
- UFPE, **Campus Universitário Joaquim Amazonas. Plano Diretor Físico**. Recife: UFPE, 1985.

Índice remissivo

- Arquitetura moderna 11, 12, 15, 21, 39, 49, 55, 64-66, 68-80, 82, 83, 157, 161, 163, 179, 210
- Biblioteca 29, 31, 32, 42, 43, 54, 60, 70, 82, 164, 167-169, 176, 177, 199, 246-249, 258, 263
- Campus universitário 9, 14, 40, 41, 48-50, 53, 55, 162, 235, 246, 255, 257, 260, 270, 274, 276, 278
- contexto urbano 229
- eixo 9, 10, 15, 25, 26, 31, 47, 50, 52, 55, 60, 61, 157, 162, 164, 168, 170, 177, 260-262
- ensino 912, 15, 29, 38-44, 54, 56, 57, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 79, 80, 91, 163, 165, 166, 170, 180, 195, 227, 229, 244, 245, 250, 251, 258, 269-278
- espaço universitário 9, 10, 15, 87, 179, 269, 275
- faculdade de arquitetura 12, 41, 43, 53, 65, 67, 69, 72, 73, 76, 77, 81-83, 160, 181, 187, 196, 198, 201, 203, 244, 261, 278
- ICC (Instituto Central de Ciências) 9-15, 33, 88, 89, 155, 167, 169-174, 177-183, 187, 188, 191-195, 197, 202, 209-213, 215-217, 219, 225-239, 244, 246, 248, 249, 253, 257-262, 274-277
- infraestrutura 11-13, 53, 56, 57, 62, 82, 89, 90, 188, 190, 197, 198, 199, 261
- inovação 14, 16, 40, 44, 59, 68, 80, 190, 217, 239, 256, 256, 259, 261, 269
- Lucio Costa 9, 10, 16, 21-23, 29, 30-33, 51, 78-80, 157, 158, 161-165, 167, 170, 178, 207, 218, 227, 229, 249, 258, 259, 262, 263, 274
- megaestrutura 9, 10, 12, 15, 88, 92, 93, 272-274
- mobilidade 57, 58, 61
- modernidade 10, 11, 16, 72, 179
- Oscar Niemeyer 9, 10, 13, 14, 21, 67, 79-81, 87, 88, 155, 157-159, 161, 165, 167-171, 173-182, 187, 205, 209, 218, 220, 226, 2227, 232, 236, 238, 243, 244, 248, 256, 258, 259, 274, 275

paisagem 10, 13, 23, 29, 31, 32, 58, 59, 78, 93, 156, 157, 209, 225, 226, 229, 232, 238

patrimônio 66, 69, 70, 77, 78, 82, 83, 159, 258

Plano Diretor 14, 55, 58, 61, 62, 82, 218, 235, 256, 257, 260, 274

Praça Maior | Praça Magna 10, 14, 22, 23, 29-33, 163, 164, 167-169, 174, 176-178, 190, 244, 246, 248, 251, 263

processo histórico 22, 27, 72

projeto arquitetônico 247, 274

Reitoria 31, 32, 43, 50, 52, 54, 55, 58, 69, 71, 81, 88, 164, 167, 168, 176, 177, 199, 246, 247, 261

sistema construtivo 70, 90-93, 181, 209

sistema estrutural 89, 219

Crédito das figuras

ACERVOS:

CEPLAN

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

ICC: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Capítulo 7: 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10

Capítulo 8: 7

Arquivo Público do Distrito Federal

ICC: 26, 37, 38, 39

Capítulo 8: 2, 3, 4, 5

Arquivo Central da Universidade de Brasília

Capa, 1 (antes da apresentação), 2 (após a apresentação), 3 (após o último capítulo)

ICC: 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40

Capítulo 8: 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19

Wikimedia Commons

Capítulo 1: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Acervo pessoal de Matheus Gorovitz

Capítulo 1: 28

Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ

Capítulo 2: 1, 2, 3, 4

Acervo UFPE

Capítulo 3: 2, 4

IPHAN – PE

Capítulo 3: 3

Plano Diretor Físico – UFPE

Capítulo 3: 5, 10

Acervo Memorial Denis Bernardes – UFPE

Capítulo 3: 6, 7

Acervo FAM/PROPAR/UFRGS

Capítulo 4: 1, 2, 3, 5a, 5b, 12, 13, 14, 15, 8b

Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico – SUINFRA/UFRGS

Capítulo 4: 4, 6, 7, 8a, 9, 10, 11

Acervo PVC/FA/UFRGS

Capítulo 4: 16

Acervo UFMG

Capítulo 5: 1, 4, 5, 6, 10, 11, 12

Prefeitura do Campus

Capítulo 9: 9

Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro (1998) - UnB

Capítulo 11: 1, 2

Google Earth

Capítulo 11: 3

FOTOGRAFIA:

Randal Andrade

ICC: 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Paulo Honorato (ilustração)

Capítulo 1: 1, 2, 17, 18, 23, 24, 25, 26

Maria Cláudia Candeia de Souza

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

Diogo Barretto

Capítulo 3: 8

Lucas Jordano

Capítulo 3: 9

Irineu Breitman

Capítulo 4: 3

Sérgio M. Marques

Capítulo 4: 8b

Carlos Alberto Batista Maciel

Capítulo 5: 2, 3, 7, 8, 9

Junia Mortimer

Capítulo 5: 12

Paola Ferrari

ICC: 1, 2, 3

Elcio Gomes da Silva

Capítulo 8: 1

Juliano Caldas de Vasconcellos

Capítulo 8: 12

Cláudia Amorim

Capítulo 9: 4, 5, 6

Caio Silva

Capítulo 9: 7

Nayanna Nobre

Capítulo 10: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

Adaptado de MELLART, J, Catal Hüyük: A Neolithic Town In Anatolia. New York: McGraw-Hill Book Company, 1967, p. 59, 62 e 127. **Capítulo 1: 1**

Adaptado de Claus Roloff in SMITH, M. Gordon Childe and the Urban Revolution: a historical perspective on a revolution in urban studies. TPR, 80 (1), 2009, p. 9. Disponível em: < <https://www.public.asu.edu/~mesmith9/1-CompleteSet/MES->

[-09-Childe-TPR.pdf](#)>. Acesso em: 21 jan. 2022. **Capítulo 1: 2**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; NACHBIN, Leopoldo; RIBEIRO, Darcy; TEIXEIRA, Anísio. Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília, 1962, p. 22, p. 25 e p. 33. **Capítulo 1: 16, 19**

CABRAL, Renata Campello. Mario Russo: um arquiteto italiano racionalista no Recife. Recife: Editora da UFPE, 2006, p. 32. **Capítulo 3: 1**

ROMERO, Marta Adriana Bustos; CLÍMACO, Rosana; ANDRADE. Liza (coord). Avaliação ambiental integrada do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília. Relatório. **Capítulo 9: 1, 8**

QUEIROZ, Claudio J. P. V. Instituto Central de Ciências: Plano de Conclusão e Sistematização de Usos. Brasília. Universidade de Brasília, Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Centro de Planejamento - CEPPLAN. Brasília, 1990. **Capítulo 9: 3**

MODELAGEM TRIDIMENSIONAL:

Elcio Gomes, Juliano Vasconcellos, José Manoel Sánchez
Capítulo 8: 6, 8, 9, 10, 11

SIMULAÇÃO COMPUTACIONAL:

Programa Sol-Ar
Capítulo 9: 2a, 2b, 4, 5

Projeto, Ensino e Espaço Universitário: o Instituto Central de Ciências (ICC-UnB) e outras arquiteturas

CURRICULUM RESUMIDO DOS ORGANIZADORES:

Luciana Saboia Fonseca Cruz

Professor Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PPGFAU - UnB) e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2019. Foi vice-diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2015-2019) e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (2019-2021). Atua como pesquisadora visitante no laboratório Office for Urbanization da GSD Harvard, EUA, pesquisadora associada ao LOCI, UCLouvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica; ao Laboratoire Infrastructure, Architecture, Territoire - LIAT, ENSA Paris-Malaquais, França. Pesquisa e publica sobre a relação entre paisagem, apropriação social e teoria do projeto com enfoque nas questões sobre modernidade, urbanismo moderno e novas capitais.

Ana Elisabete de Almeida Medeiros

Arquiteta e Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília, SOL/UnB (2002) incluindo um período de estágio no Center of Latin American Studies da University of California Berkeley, CLAS/UC Berkeley (2001). Realizou estudos de pós-doutoramento no Laboratoire PACTE, IUG/IGEA - UPMF e foi pesquisadora visitante no Latin American Centre

da University of Oxford. Pesquisa e publica sobre a preservação do patrimônio cultural e suas interfaces com questões da arquitetura e urbanismo modernos, da teoria e ensino de projeto, tendo buscado aproximações recentes com os campos da ciência política e etnografia. Foi consultora da UNESCO no Escritório Nacional em Brasília, em 2009 e hoje coordena o Projeto de Pesquisa Arquiteturas Impressas, parte do Grupo de Pesquisa Documentação, Modelagem e Preservação do Patrimônio Cultural UnB/CNPq, vinculado ao LabEUrbe (PPG/FAU-UnB), Laboratório de Estudos da Urbe do qual foi fundadora e Coordenadora (2013-2015).

Paola Caliarì Ferrari Martins

Arquiteta e Professora do Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Coordena o Centro de Documentação Edgar Graeff, biblioteca setorial da FAU/UnB (2015). É membro do grupo de pesquisa Topos - Paisagem, Projeto, Planejamento (UnB/CNPQ), e participa da pesquisa Projeto e Representação e Estudos sobre o Projeto de Edificação: ontologia, método e experiência, coordenado pelo prof. dr. Jaime Gonçalves de Almeida. Pesquisa questões relacionadas à concepção e desenvolvimento do projeto de arquitetura, especialmente na temática campus universitário, com interesse na articulação entre o processo de ensino-aprendizagem e o espaço arquitetônico. Está com a tese em elaboração intitulada: “Campus universitário e megaestrutura: o Instituto Central de Ciências e a impermanência da universidade”.

CURRICULUM RESUMIDO DOS AUTORES:

Matheus Gorovitz

Professor titular do Departamento de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1963), possui mestrado(1989) e doutorado (1996) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; estagio de pós doutorado na Universidade Paris I Sorbonne (2000). Publicou: Brasília, uma questão de escala, Os riscos do projeto e A invenção da Superquadra. Participa do Grupo de

Pesquisa Projeto e Estética sediado na FAU UnB com interesse nas áreas de Projeto e História da Arte e da Arquitetura.

Maria Cláudia Candeia de Souza

Doutora em Arquitetura e Regeneração Urbana pela Universidade de Tóquio. É professora no Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB). Coordena do grupo de pesquisa “Geometria Construtiva: possibilidades na arte e na arquitetura” (FAU-UnB) e atualmente desenvolve pesquisa sobre arte e arquitetura japonesa contemporânea no Núcleo de Estudos Asiáticos da Universidade de Brasília (NEASIA-UnB).

Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu

Professor titular e diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB-UFRJ) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2016. Arquiteto pela Ecole d'Architecture de Toulouse (1992), é doutor em Ciências da Arquitetura pela Universidade de Nantes (1998) com atuação na Universidade de Columbia em Nova York, e outras instituições como ENSA Marseille, ENSA Paris-Malaquais e Université Paris-Est na França. É diretor do UrCA (Urbanismo, Crítica e Arquitetura) - um grupo de pesquisa que se dedica ao estudo de abordagens alternativas para a cidade contemporânea, com foco especial na urbanização periférica do Sul Global.

Fernando Diniz Moreira

Doutor em Arquitetura pela University of Pennsylvania (2004). É professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi professor visitante na Fu Jen Catholic University, Taiwan (2019), Universidade Técnica de Lisboa (2011) e na University of Pennsylvania (2003-2004), ICCROM Fellow (2008) e Samuel H. Kress Foundation scholar (2003-2004). Bolsista produtividade do CNPQ, coordena o projeto de pesquisa Lugar e Tectônica na Arquitetura Contemporânea com inúmeras publicações no Brasil e exterior. Sua área de interesse reside em teoria e história da arquitetura, história do urbanismo e conservação com experiência profissional em conservação urbana e arquitetônica, tendo participado das equipes dos planos diretores e planos urbanísticos.

Sérgio Moacir Marques

Doutor em Arquitetura Moderna Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor Associado da FA/UFRGS e líder do grupo de pesquisa O ENSINO E A PESQUISA DO PROJETO_A Produção da Arquitetura Moderna e Contemporânea, CNPq/PROPAR. Foi sócio do MooMAA - Moojen & Marques Arquitetos Associados (1987/2019) com projetos premiados e publicados no Brasil e exterior, atua na área de projetos de arquitetura, urbanismo e comunicação visual. Temas de interesse: Ensino do Projeto de Arquitetura e Urbanismo, Arquitetura Moderna, Arquitetura Contemporânea, Arquitetura Latino-Americana.

Carlos Alberto Batista Maciel

Arquiteto, Doutor em teoria e prática de projeto, professor adjunto da Escola de Arquitetura da UFMG, sócio do escritório Arquitetos Associados. Foi diretor e coordenador geral de projetos do Departamento de Planejamento Físico e Projetos da UFMG entre 2010 e 2013. É fundador do escritório Arquitetos Associados, estúdio colaborativo com prática arquitetônica extensa e reconhecida. Estuda as inserções fortemente influenciadas pela paisagem e suas pré-existências.

Andrey Rosenthal Schlee

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1999) e professor Titular da Universidade de Brasília. Foi Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do IPHAN. Dedicou-se à preservação do patrimônio cultural, arquitetura brasileira, arquitetura no Rio Grande do Sul e arquitetura e urbanismo em Brasília, como também às questões relacionadas com a melhoria do Ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Cláudio Oliveira Arantes

Arquiteto e urbanista formado na Universidade de Brasília, atua no Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN) da Universidade de Brasília desde 2003.

Elcio Gomes da Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Arquiteto da MGSAR Arquitetos Associados, Analista Legislativo na função

de arquiteto da Câmara dos Deputados e Pesquisador Colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. É autor do livro “Os palácios originais de Brasília” (2014). Está vinculado ao projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” integrante do programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Juliano Caldas de Vasconcellos

Doutorando em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no Departamento de Arquitetura. Integra o projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” vinculado ao programa de pós-graduação da FAU/UnB.

José Manoel Morales Sánchez

Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade de Brasília (1979), mestrado em Estruturas - COPPE/UFRJ - Programa de Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Estruturas e Construção Civil pela Universidade de Brasília (2003). Foi diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB. Atualmente é professor associado e do docente permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo com atuação em temas de pesquisa e ensino de arquitetura e engenharia civil.

Cláudia Naves David Amorim

Arquiteta, Doutora em Tecnologias Energéticas e Ambientais na Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, com tese desenvolvida no Politecnico di Milano (Italia) e Bavarian Centre for Applied Energy Research -ZAE Bayern - Wuerzburg (Alemanha). Professora Associada da Universidade de Brasília (UnB), atual coordenadora do Laboratório de Controle Ambiental (LACAM). com ênfase em sustentabilidade e qualidade ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: Iluminação natural, conforto ambiental, eficiência energética, projeto de arquitetura, reabilitação de edifícios e simulação computacional. É a atual Diretora de Pesquisa do Decanato de Pesquisa e Inovação da Universidade de Brasília.

Caio Frederico e Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, atualmente é professor associado vinculado ao Departamento de Tecnologia da FAU-UnB desde 2011. Desenvolveu pesquisas na Universidade Nova de Lisboa (UNL, 2016) e na Universidade de Harvard sobre questões de sustentabilidade, eficiência energética e conforto térmico. É pesquisador do Laboratório de Sustentabilidade Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo - LaSUS/UnB e do Laboratório de Controle Ambiental - Lacam/UnB. Hoje é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Guilherme Oliveira Sales

Arquiteto e Urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. É pós-graduando no curso Reabilita - Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística e integra o grupo de pesquisa “Simulação Computacional do Ambiente Construído” (SiCAC), ambos registrados no programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Reinaldo Guedes Machado

Professor da Universidade de Brasília, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2003) sobre o barroco brasileiro com a tese intitulada “O Púlpito luso-brasileiro”. Arquiteto e Artista plástico atua nas áreas História da Arte e da Arquitetura com ênfase no Desenho e Plástica.

Frederico Flósculo Pinheiro Barreto

Arquiteto, Doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), atualmente Professor do Departamento de Projeto e Expressão desde 1992. Foi vencedor do Concurso Nacional de Idéias e Estudos Preliminares de Arquitetura e Urbanismo para a Revitalização da Avenida W-3 em Brasília. Com ampla experiência profissional em arquitetura hospitalar e planejamento urbano atua especialmente nas áreas de projeto em arquitetura e urbanismo. É pesquisador do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília.

A Editora UnB é filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em Minion Pro e Bebas Neue Pro.

Este livro chegou em boa hora, e tem como foco um objeto extraordinário: o Instituto Central de Ciências (ICC), edifício estruturador do campus da Universidade de Brasília (UnB), projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e equipe. Em abril de 2022, a UnB comemorou 60 anos de existência (1962-2022). O ICC faz parte da história da universidade pública brasileira e foi resultado de uma experiência inovadora de organização universitária aliada ao processo de planejamento espacial e inovação tecnológica construtiva – a pré-fabricação de uma megaestrutura. A proposição foi elaborada por um grupo de educadores, intelectuais e profissionais – arquitetos e engenheiros, principalmente – liderados por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. No livro, o ICC é abordado por diferentes enfoques. Mas chama a atenção o subtítulo discreto de sua capa: “e outras arquiteturas”. Refere-se a uma seção de artigos dedicados a outras universidades nacionais: UFRJ, no Rio de Janeiro; UFPE, em Recife; UFRGS, em Porto Alegre; e UFMG, em Belo Horizonte. Depreende-se da leitura dessa seção fatos intrigantes, por exemplo, a interrupção e posterior abandono de duas experiências de organização institucional universitária: a do campus da UnB e da UFMG. Entretanto, os articulistas não levam em conta as forças nem os atores envolvidos na questão. Porém, a luta atávica pelo poder das corporações da universidade é inquestionável. Temos como consequência a pulverização dos edifícios no campus. O leitor e a leitora encontrarão este e outros fatos acerca do ICC e das outras arquiteturas mencionadas ao longo da obra.

Jaime Gonçalves de Almeida

EDITORA



UnB